

Para onde caminha nosso agricultor?

Vitório Manoel Varaschin

Muito se tem falado sobre a importância das pessoas para o desenvolvimento das comunidades e das organizações. Tem-se claro que são as pessoas os verdadeiros responsáveis pelo sucesso ou fracasso das comunidades e das organizações. Mesmo sabendo disso, o governo e as lideranças rurais procuram buscar soluções para a agricultura esquecendo-se do agricultor. É o agricultor que precisa de melhores condições de vida, produção, infra-estrutura e garantias para sobreviver com dignidade e respeito. Afinal, é ele que planta, colhe, vende e move a economia deste país.

Muitos defensores desta posição pensam que bastam boas idéias para transformar o mundo rural. Na verdade, o que move o mundo não são as idéias, mas as ações. Somente quando ajo, coloco algo em movimento. Somente quando ajo de modo diferente do habitual posso gerar uma transformação nas coisas que defendo e provocar a correção das injustiças que se perpetuam.

Vamos fazer um exercício de imaginação, isto é, vamos correr mais rápido do que o tempo e imaginar o futuro.

Imaginemos um agricultor capaz de lidar com os problemas presentes e identificar e aproveitar as oportunidades do futuro. Imaginemos um agricultor capaz de aplicar novas técnicas, gerar novos conhecimentos, assimilar novos paradigmas e ser capaz não só de acompanhar as mudanças, mas também de ser protagonista delas.

Imaginemos uma comunidade em que todos falam e todos ouvem. Imaginemos uma comunidade em que todos os seus membros definem o mesmo objetivo e caminham para ele, em que todos se empenham em aprofundar e expandir sua capacidade pessoal e coletiva.

Imaginemos uma política agrícola que tenha o agricultor (pessoa) como centro e não a produção. Imaginemos uma política agrícola definida pela participação das diferentes comunidades, que leve em consideração as particularidades de todo o setor rural, as diferenças regionais e as diferenças entre os produtores. Imaginemos uma política agrícola que considere também o sistema biológico e social, e não só o econômico.

Embora ambiciosa, é uma visão que muitas comunidades definiram, já tendo começado a viagem que as levará a um processo de desenvolvimento sustentável. Para passar da situação presente à situação futura desejada, é necessária uma verdadei-

ra revolução nas unidades de produção, na política agrícola e nas organizações que a executam, bem como no comportamento e desempenho das principais lideranças rurais. No centro desta revolução deverão estar as pessoas, tanto as do meio rural, enquanto produtoras de alimentos, quanto as do meio urbano, enquanto consumidoras destes alimentos.

Eis algumas razões para que haja pessoas que apostem neste processo de mudança:

Melhor performance – Por que concentrar o fardo de gerar novas idéias e soluções em três ou quatro pessoas? Por que depender da inspiração de um pequeno grupo e depositar nele toda a esperança de inovação e de encontrar alternativas para o setor rural? Já há muito tempo que os gurus da administração perceberam que apenas dando voz àqueles que estão hierarquicamente abaixo deles se obtêm idéias e visões que revolucionam a produção, beneficiando tanto produtores quanto consumidores.

- Desenvolvimento de vantagens competitivas – a única vantagem competitiva de valor indiscutível ao longo dos tempos é a capacidade de aprender dos atores do meio rural. O mundo é, hoje, uma pequena aldeia. O desenvolvimento das velhas formas de comunicação (TV, rádio, imprensa) e as novas tecnologias difundem rapidamente as informações ou as suas melhores práticas operacionais. As diferenças estão na motivação e na valorização das pessoas que vivem no meio rural.

- Criação de comunidades dinâmicas – o valor de uma comunidade é o reflexo do valor das pessoas que nela habitam. Dois desafios se apresentam: por um lado, as pessoas têm de aprender a pensar no interesse da comunidade; por outro, as comunidades têm de abrir espaço para que as pessoas excluídas se motivem, se desenvolvam e sejam reintroduzidas no seio delas.

Nesta altura, você estará pensando: OK! O que devemos mudar? Mas começar por onde?

Primeiro devemos mudar ou redefinir os processos de participação e o papel dos principais atores do mundo rural.

O novo agricultor.

O novo agricultor deverá continuar a produzir alimentos e matéria-prima de forma a satisfazer as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades. Este é o conceito fundamental de sustentabilidade das atividades produtivas. A chave está na constante aprendizagem, na participação efetiva na vida da comunidade, no espírito de cooperação e nos valores de solidariedade.

O papel dos novos líderes

Os líderes devem repensar sua forma de pensar e agir, através de um estilo aberto, integrador de várias opiniões, com múltiplos

cenários. Novas capacidades e competências são exigidas do líder. O perfil do líder expande-se: além do tradicional papel desempenhado, de representação das pessoas da comunidade, o novo líder tem de aprender a ouvir, a ponderar diferentes perspectivas e conciliar o que é melhor para uma parcela da comunidade com o que é melhor para todos os seus membros.

O líder precisa do comprometimento de todas as pessoas da comunidade na edificação de uma cultura de solidariedade. Nos dias de hoje, os problemas são extremamente complexos. Seria ousado demais tentar resolvê-los sozinho. Resta ao novo líder reconhecer a necessidade de reunir pessoas, formar equipes para, junto com eles, identificar as principais alternativas de desenvolvimento das pessoas individualmente e da comunidade enquanto coletivo.

O novo setor público

A cooperação é essencial e deve passar pela participação, devidamente estruturada, e por uma partilha de informação transparente que permita às pessoas terem uma visão global da situação da comunidade. O êxito da participação está intimamente ligado ao funcionamento do ser humano, que só se envolve integralmente quando se sente parte do processo de criação.

Descentralização, rotação, visão compartilhada, são elementos-chave das organizações públicas. A substituição da estrutura piramidal por redes de unidades intervinculadas, que se reorganizam segundo as necessidades, favorece a inovação fundamental para a sobrevivência organizativa. A descentralização produz flexibilidade, proporcionando, entre outras coisas, um melhor enfoque das necessidades locais.

Ao contrário do que muitas pessoas possam pensar, a delegação, a descentralização e a participação não diminuem o poder das instituições. Pelo contrário, o fortalecem. É preciso começar pela construção de uma visão compartilhada sobre o que a comunidade pretende alcançar como produtora de alimentos e como local de vida e de suas famílias.

Assim sendo, não haverá diferenças entre agricultores, técnicos, líderes ou governos. Todos serão colaboradores e responsáveis pela produção de alimentos para a atual e a futura geração, assim como todos são responsáveis pelo desenvolvimento da produção e, principalmente, das pessoas que vivem e dependem dos resultados das atividades rurais.

Vitório Manoel Varaschin, economista, Instituto Cepa/SC, Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, C.P. 1.587, 88034-001 Florianópolis, SC, fone (0XX48) 334-5155, fax (0XX48) 334-2311, e-mail: vitorio@icepa.com.br, internet: <http://www.icepa.com.br>.